

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

De acordo com os dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o mercado de trabalho brasileiro vem apresentando, nesses primeiros oito meses de 2007, uma lenta e gradual recuperação dos seus principais indicadores, em comparação com o mesmo período do ano anterior. O crescimento do nível de ocupação neste ano de 2007 até agora já está se refletindo em um dos indicadores que mais chamam a atenção da sociedade: a taxa de desemprego. Os indicadores de rendimentos, é bem verdade que de forma mais tímida, também estão acompanhando essa melhora e mostram variações positivas em relação aos meses correspondentes do ano passado, ainda que essa diferença venha declinando nos meses mais recentes.

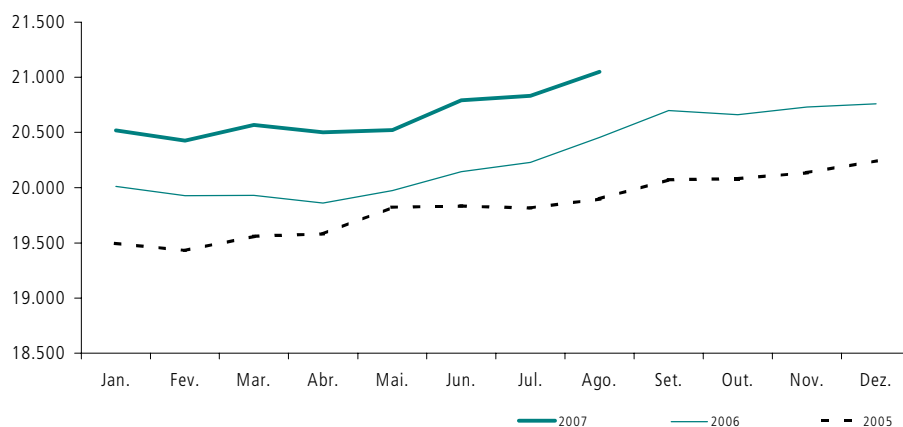
Após a queda típica de início do ano, a ocupação passou a ter uma clara tendência de crescimento a partir do segundo trimestre (gráfico 1), atingindo em agosto de 2007 uma variação positiva de 2,6% sobre janeiro deste ano e de 2,9% em relação a agosto de 2006. Outro indicador que aponta para o crescimento do nível de ocupação é a variação média de 2,9% dos oito primeiros meses de 2007 em relação ao mesmo período em 2006 (para fins de referência, a variação foi de 2,0% em 2006 em relação aos primeiros oito meses de 2005). Em termos absolutos houve um acréscimo médio de quase 600 mil novos postos de trabalho.

Na esfera regional, o dinamismo que a ocupação vem apresentando, embora ocorra de forma generalizada, tem como destaques, durante os primeiros oito meses de 2007, as regiões metropolitanas (RMs) de Salvador, Belo Horizonte e São Paulo. Esta última, não só em razão das altas taxas que vem exibindo em relação ao mesmo período de 2006, mas também em função do seu elevado peso em termos de população ocupada na comparação com as seis RMs pesquisadas pelo IBGE, tem contribuído de forma significativa para os resultados do conjunto.

GRÁFICO 1

Nível de ocupação metropolitana

(Em milhares)



Fonte: IBGE/PME

De fato, considerando-se o crescimento médio dos oito primeiros meses, enquanto a metade das regiões manteve uma variação do crescimento abaixo de 3,0%,¹ Salvador mostra um crescimento de 5,6%, Belo Horizonte de 4,9%, e São Paulo de 3,1%. Em relação à aceleração do ritmo de surgimento de novas oportunidades de trabalho, o panorama é semelhante à variação de Porto Alegre, Recife e São Paulo (2,5%, 2,5% e 3,2%, respectivamente, em agosto, sobre o mesmo mês de 2006), notando-se ainda uma melhoria clara do desempenho em Salvador e Belo Horizonte (crescimento de 6,2% e 3,7%, respectivamente, nessa última comparação).

Em termos setoriais, os destaques positivos durante o ano de 2007 têm sido as atividades de intermediação financeira,² serviços domésticos e construção civil, com crescimento de 8,4%, 4,2% e 4,1%, respectivamente, na média dos primeiros oito meses de 2007. Já na comparação entre agosto de 2007 e o mesmo mês de 2006, os setores que continuam se destacando são intermediação financeira e construção civil, com variação positiva de 11,7% e 5,0%, respectivamente. Em segundo plano, na comparação anual, estão comércio³ (1,3%), administração pública⁴ (2,5%), serviços domésticos (0,4%) e indústria⁵ (1,3%), aparecendo com desempenho negativo os setores outras atividades⁶ (-0,2%) e outros serviços⁷ (-0,1%). O impacto negativo que esses setores, em comparação com o mesmo período de 2006 – quando foram responsáveis por quase 1/5 da ocupação total – provocam na evolução da ocupação total, serve, por outro lado, para chamar a atenção para as possibilidades de maior dinamização do mercado de trabalho, caso venham a se confirmar as perspectivas de recuperação da economia.

Outra pesquisa importante que ressalta o crescimento do número de pessoas ocupadas é a Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes), também do IBGE. Nela, a variação média do número de pessoas ocupadas na indústria geral, nos sete primeiros meses de 2007, mostra um percentual de crescimento de 1,5% em relação ao mesmo período de 2006. Utilizando-se os dados de número de horas pagas apresentados na Pimes, pode-se verificar que também ocorre acréscimo médio de 1,2% no número de horas pagas nos sete primeiros meses de 2007, em relação ao mesmo período do ano anterior. Esses dados mostram que, além de o número de postos de trabalho ter aumentado na indústria como um todo, a quantidade de horas pagas acompanhou esse ritmo de crescimento. Isso permite inferir que, realmente, existe a perspectiva de aumento do nível de ocupação, e não apenas nas RMs, mas sim em escala nacional.

1. Recife, 2,05%; Rio de Janeiro, 1,62%; e Porto Alegre, 1,73%.

2. Nesse agrupamento de atividades, além da atividade de intermediação financeira estão incluídas aquelas de serviços prestados a empresas, os aluguéis e as atividades imobiliárias.

3. Inclui, além de comércio, as atividades de reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos, bem como o comércio varejista de combustíveis.

4. Inclui as atividades de administração pública, educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

5. Inclui as atividades de indústria extrativa e de transformação, além de produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

6. Inclui agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; pesca; organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais; e atividades mal especificadas.

7. Inclui as atividades de alojamento e alimentação; transporte, armazenagem e comunicação; e outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

Esses resultados positivos apresentados pelo nível de ocupação trazem à tona a questão da qualidade das ocupações que estão sendo criadas. Sobre esse assunto pode-se dizer que a qualidade dos vínculos de trabalho surgidos nos oito primeiros meses de 2007 tem melhorado, pois na média ocorreu aumento de 4,5% no trabalho com carteira assinada e uma redução de 0,7% no trabalho sem carteira assinada. Mais ilustrativo é o fato de o assalariamento com carteira ter crescido mais, em termos absolutos, do que o próprio nível de ocupação total (606 mil, contra 594 mil postos de trabalho, respectivamente). Significa que a geração de empregos está associada a postos de trabalho de maior qualidade, pelo menos naquilo que se refere à proteção da legislação trabalhista.

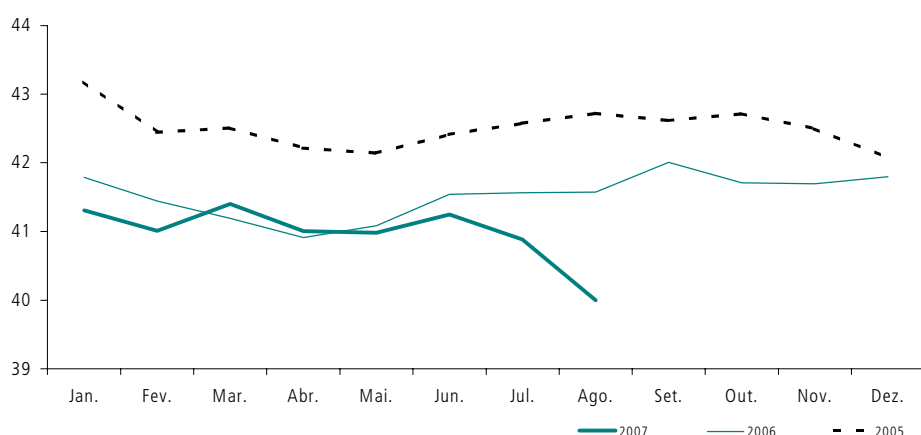
Consequência direta dessa estrutura de expansão da ocupação é a queda no grau de informalidade. Esse indicador, que reflete a participação dos trabalhadores assalariados sem carteira, por conta própria e não-remunerados no total da ocupação, atingiu em agosto o seu menor valor na história da nova PME: 40,0% (vale destacar, ele já chegou a 44,0% em abril de 2004).

A continuidade do crescimento da economia, bem como o aumento da confiança dos empresários, com seus reflexos positivos no desempenho do mercado de trabalho, tornam lícito esperar o prosseguimento do processo de formalização e a progressiva redução dos vínculos precários. Nesse sentido, outro ponto que merece consideração diz respeito à redução do número de pessoas sub-remuneradas.⁸ No mês de agosto de 2007 ela representava 16,3% da ocupação total (3,564 milhões de trabalhadores), o que corresponde a uma redução de 2,5% em relação a agosto de 2006 (em termos absolutos, corresponde a uma redução de 93 mil postos de trabalho). Como o salário mínimo subiu, em termos reais, no período, esta queda se torna ainda mais relevante. Outro destaque é a redução também do número de trabalhadores subocupados,⁹ com uma queda em números absolutos de 959 mil trabalhadores em agosto de 2006 para 780 mil em agosto de 2007, o que significa uma redução de 18,6%.

GRÁFICO 2

Grau de informalidade

(Em %)



Fonte: IBGE/PME.

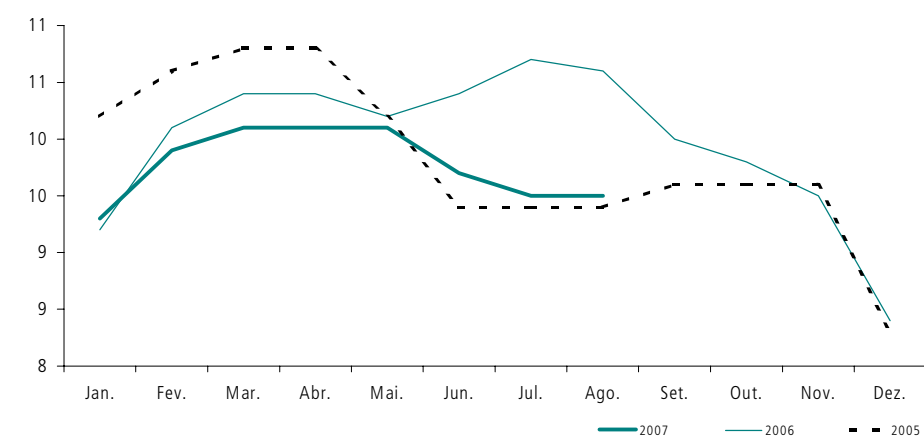
8. A definição acompanha a conceituação do IBGE, que considera sub-remunerado o trabalhador cujo ganho médio por hora de trabalho é inferior ao valor médio do salário mínimo.

9. Aqui também é utilizada a conceituação do IBGE, que assim considera o trabalhador cuja quantidade de horas trabalhadas seja inferior a 40 horas semanais, computados todos os trabalhos, continuando com tempo disponível para trabalhar mais.

GRÁFICO 3

Taxa de desemprego metropolitano

(Em %)



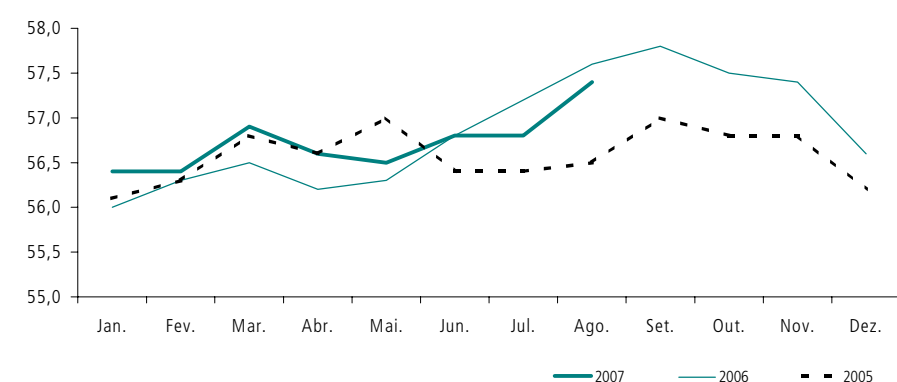
Fonte: IBGE/PME.

Uma evolução positiva da ocupação, persistindo por certo tempo, acaba inevitavelmente se refletindo na melhoria dos indicadores de desemprego. A taxa de desemprego da PME, em relação ao mesmo período do ano passado, está em queda desde o mês de fevereiro, mantendo uma redução média de 0,5% nos oito primeiros meses de 2007. No último mês de agosto ela atingiu 9,5%, o equivalente a 1,1 ponto percentual (p.p.) abaixo do patamar de agosto de 2006. Pode-se dizer que essa queda na taxa de desemprego em relação ao mesmo período de 2006 se deve ao desempenho do nível de ocupação, pois se analisarmos a taxa de atividade – número de pessoas economicamente ativas em relação ao número de pessoas em idade ativa – esse índice tem mostrado uma elevação de 1,8% no período, indicando maior pressão da oferta. Assim, a queda na taxa de desemprego do período está ligada ao número de vagas criadas no mercado de trabalho e não a uma diminuição no número de pessoas que entram no mercado de trabalho.¹⁰

GRÁFICO 4

Taxa de atividade metropolitana

(Em %)



Fonte: IBGE/PME.

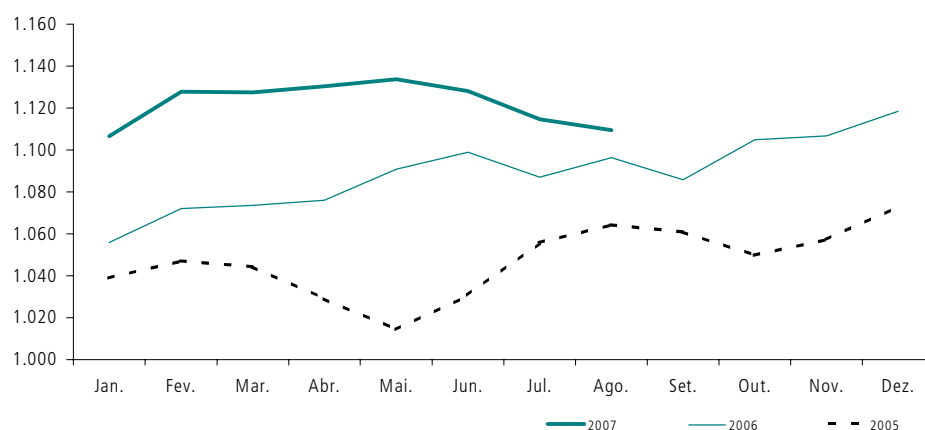
10. A taxa de desemprego aberta da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) de todas as regiões confirmam os dados da PME/IBGE, ou seja, em ambas as pesquisas a taxa de desemprego mostra uma variação média negativa para os sete primeiros meses de 2007.

Por fim, no que diz respeito aos rendimentos médios reais habitualmente recebidos, os resultados obtidos durante os primeiros oito meses de 2007 apontam para uma melhora, apesar de algumas oscilações na evolução mensal desse indicador, com o resultado de agosto¹¹ atingindo variação de 1,2% em relação ao mesmo mês de 2006. Essa variação vem declinando, sendo inferior àquela observada no início do ano e, em particular, ficando abaixo da performance durante 2006. Apesar disso, admitindo-se a continuidade do aquecimento da demanda, é razoável esperar que os rendimentos mostrem recuperação no futuro próximo, até porque normalmente essa é a última variável a refletir o desempenho favorável do mercado de trabalho.

GRÁFICO 5

Rendimento médio real habitualmente recebido

(Em R\$ de agosto de 2007)



Fonte: IBGE/PME.

11. Considerando-se os rendimentos médios reais habitualmente recebidos.

